 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 061. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Renata de Castro Menezes (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, Rodrigo Toniol (Unicamp) - Coordenador/a O crescimento da literatura das ci?ncias sociais dirigida ?s materialidades,objetos e coisas ? fato not?rio. Nas ?ltimas d?cadas,a diversifica??o de abordagens te?rico-metodol?gicas mobilizadas pelo tema tem se refletido na consolida??o do que j? ? quase um subcampo disciplinar,com debates pr?prios, eventos espec?ficos e publica?es regulares a ele dedicadas.O prop?sito deste GT ? dar sequ?ncia ?s discuss?es levadas a cabo nas tr?s ocasi?es anteriores,nas RBAs,e reunir trabalhos dedicados ?s variadas formas de articula??o entre religi?o e materialidades.Trata-se de dar centralidade ?s formas materiais de produ??o da experi?ncia religiosa, apostando, com isso,na possibilidade de que novos horizontes emp?ricos e desafios te?ricos sejam explorados.Entre outras quest?es poss?veis, destacamos tr?s que poder?o orientar as reflex?es dos trabalhos reunidos pelo GT.Primeiro, como a religi?o acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens,objetos lit?rgicos e devocionais,arquitetura e espa?os sagrados mobilizam e s?o mobilizados em pr?ticas religiosas. Segundo,como alguns objetos ocupam um lugar amb?guo ?e controverso? na rela??o com a religi?o?Est?tuas,obras de arte e templos hist?ricos s?o apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de rela??o entre materialidade e religi?o. Terceiro, como as variadas conforma?es de v?nculo entre religi?o e materialidade tamb?m implicam em ?formas sensacionais? diferenciadas da experi?ncia com o sagrado?

Materialidades vodu em evidência: a experiência do Bureau d'Ethnologie no Haiti

Autoria: Julia Vilaça Goyatá

Em 1941 foi criado no Haiti o Bureau d?Ethnologie, uma instituição que se propunha a ser um centro de pesquisas para a formação de antropólogos ao mesmo tempo que um museu etnográfico para a preservação do patrimônio dito popular e folclórico do país. O projeto, encabeçado pelo antropólogo, escritor e político haitiano Jacques Roumain (1907-1944), fazia parte de um momento de modernização do país após um longo período de ocupação militar norte-americana (1915-1934) na qual construiu-se uma imagem internacional que vinculava o Haiti à barbárie a partir, principalmente, da demonização das práticas religiosas vodu. O Bureau, era assim, uma instituição comprometida em criar uma nova narrativa para o Haiti e para o vodu, ressaltando o país como fonte de uma rica cultura material e como lócus de uma religião original que até então não recebera a atenção devida e os estudos sistemáticos necessários à sua compreensão. A proposta deste work é a de acompanhar o nascimento e os primeiros anos de atividade do Bureau d?Ethnologie, atentando especialmente para o projeto de construção de seu museu, entendendo que a partir desse caso é possível estabelecer uma reflexão profícua sobre os novos sentidos (antropológicos e artísticos) dados às materialidades vodu, e por extensão ao Haiti, a partir dos anos 1940. Desde o estabelecimento da instituição no coração da capital haitiana, os objetos vodu, antes alvo de perseguição religiosa pela Igreja católica e pelo Estado, passam não somente por uma valorização, como também por uma oscilação, que os coloca em um interessante trânsito de sentidos. Eles são ao mesmo tempo objetos científicos, na medida em que são entendidos como registros de uma cultura em desaparecimento; objetos religiosos, já que em relação direta com agências espirituais e parte de práticas rituais; e objetos artísticos, tomados por seus aspectos estéticos e apreendidos em uma rede de circulação internacional da chamada ?arte naïf?. Argumento ainda que a recuperação desse momento da história haitiana, de transição no sentido da consideração das materialidades vodu, parece interessante para a compreensão de um imaginário euro-americano mais amplo sobre o Haiti (e ainda presente nos dias atuais). É também nessa época, e não por acaso, que o país começa a ser objeto

 ISBN: 978-85-87942-61-6

sistemático de interesse antropológico e etnográfico, bem como de curiosidade artística. Nesse sentido, a emergência das materialidades vodu e a construção de um espaço dedicado à pensá-las se constrói em conjunto com a própria imagem de um Haiti interessante aos olhos estrangeiros.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**